



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE DIREITO NEGÓCIOS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

VÍDEO DOCUMENTÁRIO
PAIXÃO ORGANIZADA: A VOZ DA ARQUIBANCADA

GUSTAVO CAMARGO DOS SANTOS
FERNANDO CÉSAR DA SILVEIRA LIMA

GOIÂNIA
2025



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE DIREITO NEGÓCIOS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

VÍDEO DOCUMENTÁRIO
PAIXÃO ORGANIZADA: A VOZ DA ARQUIBANCADA

GUSTAVO CAMARGO DOS SANTOS
FERNANDO CÉSAR DA SILVEIRA LIMA

Projeto final de Trabalho de Conclusão de curso
apresentado como pré-requisito do curso de
Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica
de Goiás (PUC Goiás), orientado pela Profa.
Dra. Bernardete Coelho de Sousa.
Assinatura: _____

GOIÂNIA
2025



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
FACULDADE DE FILOSOFIA, COMUNICAÇÃO, LETRAS E ARTES
CURSO DE JORNALISMO

VÍDEO DOCUMENTÁRIO
PAIXÃO ORGANIZADA: A VOZ DA ARQUIBANCADA

GUSTAVO CAMARGO DOS SANTOS
FERNANDO CÉSAR DA SILVEIRA E LIMA

DATA DA DEFESA: 10 de dezembro de 2025.
RESULTADO:

BANCA EXAMINADORA

Profa Dra. Bernardete Coelho de Sousa
(Orientadora)

Prof. Dr. Rogério Pereira Borges
(Professor da PUC Goiás)

Profa. Me Sabrina Moreira de Moraes
(Professora da PUC Goiás)

Eu, Gustavo Camargo dos Santos, dedico este trabalho primeiramente à minha família, que sempre me apoiou ao longo dos quatro anos de curso. Também quero dedicar ao meu avô e à minha avó, que moram em outra cidade e são muito especiais para mim. Eles sempre me ligam para saber como está a faculdade e se preocuparam comigo, mesmo à distância.

Dedico também aos meus amigos do curso, que sempre estiveram presentes comigo, e aos meus amigos de fora do curso, que são meus fiéis escudeiros. Por fim, ao Fred, do Desimpedidos, e ao Tiago Leifert, que foram as inspirações jornalísticas que me motivaram a ingressar no curso de Jornalismo.

Eu, Fernando César da Silveira Lima, dedico este trabalho primeiramente à minha família, que sempre esteve ao meu lado e foi o meu maior alicerce ao longo dessa jornada. Cada demonstração de carinho, cada palavra de apoio e cada gesto de cuidado foram fundamentais para que eu chegasse até aqui.

Dedico também aos meus amigos e amigas, tanto os do curso quanto os de fora dele, que caminharam comigo nos momentos mais importantes. Foram vocês que tornaram essa trajetória mais leve, divertida e inesquecível, sempre oferecendo força, parceria e boas risadas quando eu mais precisei.

E dedico, por fim, a todas as pessoas que foram essenciais nessa caminhada, que acreditaram em mim, me deram suporte e me incentivaram a continuar mesmo nos dias mais difíceis. Este trabalho carrega um pouco de cada um de vocês.

AGRADECIMENTOS

Eu, Gustavo Camargo dos Santos, quero agradecer primeiramente à nossa orientadora, Bernardete Coelho, que sempre nos ajudou e foi uma grande companheira nesta jornada final. Quero agradecer aos meus pais e aos meus irmãos, pois, sem eles, eu não teria conseguido chegar até aqui.

Agradeço também aos meus amigos de curso, que levarei para a vida. E, por fim, agradeço à minha família que mora em São Paulo e aos meus avós que vivem na fazenda. Também agradeço a minha irmã Mariana que me ajudou no Trabalho com conselhos e na prática também. Agradeço também minha amiga Vitória Sousa, que emprestou o estabilizador e sempre esteve apta a ajudar, além de estar sempre presente quando precisei na faculdade e fora dela.

Eu, Fernando César da Silveira Lima, quero agradecer primeiramente aos meus pais, Vinicyus e Andréia, que sempre estiveram ao meu lado e foram fundamentais em cada etapa dessa caminhada. Sem o apoio, o amor e a força de vocês, eu não teria conseguido chegar até aqui.

Agradeço também aos meus irmãos, Renan e Alice, pela parceria, pelas palavras de incentivo e por toda energia boa e alegria que sempre trouxeram para os meus dias.

Quero agradecer aos meus amigos e amigas, especialmente aqueles que caminharam comigo durante o curso e que levarei para a vida.

Agradeço também aos meus primos e à minha prima, que sempre estiveram presentes com carinho, apoio e companheirismo, fazendo parte da minha história e da pessoa que me tornei.

Aos meus avós, deixo minha gratidão por todo amor, sabedoria e apoio que sempre me deram. E, em especial, ao Toyo, que hoje está no céu, agradeço por tudo que representou na minha vida. Sua presença, seus ensinamentos e seu carinho seguem comigo, e levo sua memória com muito orgulho e saudade.

Por fim, agradeço a todos que sempre me incentivaram a seguir este sonho. Cada gesto de apoio, cada conversa e cada demonstração de carinho contribuíram para que eu alcançasse este momento tão importante.

RESUMO

O filme documentário *Paixão Organizada: A Voz da Arquibancada* busca oferecer uma nova perspectiva sobre as torcidas organizadas, frequentemente retratadas de forma negativa e sem espaço para defesa na mídia tradicional. A produção propõe revelar a importância do sentimento de pertencimento que move seus integrantes, evidenciando como muitas dessas torcidas surgiram como uma forma de expressão social e um grito de liberdade. O estudo concentra-se nas origens das torcidas organizadas no Brasil, analisando seus contextos históricos e culturais. A narrativa conta com entrevistas com os fundadores das torcidas organizadas de clubes goianos que não são retratadas pela mídia tradicional. O trabalho apresenta conceitos de pertencimento e invisibilidade aplicados às torcidas de futebol. Como resultado final, o documentário evidencia que as torcidas organizadas vão muito além da associação com violência e conflitos nas arquibancadas mostrando-se como organizações vivas que fazem parte da realidade do futebol.

Palavras-chave: Torcidas Organizadas, Pertencimento, Invisibilidade

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1.....	8
1 A EVOLUÇÃO DO FUTEBOL NO MUNDO.....	8
1.1 Futebol: a paixão que molda a identidade brasileira.....	8
1.2 Torcidas organizadas: a origem no Brasil.....	9
1.2.1 Torcidas organizadas: a vida além das arquibancadas.....	10
1.3 Estatuto das Torcidas	11
1.4 A invisibilidade causada pela mídia em relação às torcidas organizadas.....	12
CAPÍTULO 2.....	14
2 AS TORCIDAS ORGANIZADAS NA VISÃO DO JORNALISMO ESPORTIVO... 	14
2.1 O Esvaziamento da agenda midiática sobre as torcidas organizadas	15
2.2 Mais que torcer: o pertencimento como fundamento das torcidas organizadas.....	16
3. O que é Documentário?	17
3.2.1 Documentário Expositivo	17
3.2.2 Documentário Observativo	18
3.2.3 Documentário Participativo	18
3.2.4 Documentário Reflexivo.....	18
3.2.5 Documentário Performático.....	18
3.2.6 Documentário Poético.....	18
CAPÍTULO 3.....	20
DESCRIÇÃO DO PRODUTO	20
DIÁRIO DE PRODUÇÃO.....	21
3.2 OUTRAS CONSIDERAÇÕES	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	28

INTRODUÇÃO

O futebol brasileiro, enquanto fenômeno social e cultural, envolve muito mais do que o desempenho esportivo dos clubes. As torcidas organizadas desempenham um papel essencial na construção da identidade dos times e na manutenção da cultura do futebol. Elas representam um espaço de convivência, expressão coletiva e sentimento de pertencimento, constituindo um dos elementos mais emblemáticos da experiência futebolística no país. Entretanto, a maior parte dos estudos acadêmicos concentra-se nas torcidas de clubes de grande expressão, deixando em segundo plano aquelas ligadas a equipes com menor visibilidade, especialmente nas divisões inferiores do Campeonato Brasileiro.

Esse trabalho se propõe a investigar além da abordagem feita pela chamada grande mídia quando o assunto é torcida organizada. Para além da violência torcer por um time e manifestar isso no estádio de futebol revela ligações bem mais profundas. Até mesmo as pequenas torcidas, de times com pouca visibilidade por disputarem campeonatos onde não há cobertura intensa da imprensa, mantem suas pequenas torcidas organizadas atuantes. Dessa forma as torcidas organizadas revelam uma dinâmica social rica, marcada por forte senso de pertencimento, criatividade e mobilização.

Diante desse cenário, este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo investigar os sentimentos de pertencimento que aproximam os integrantes das torcidas e a invisibilidade de algumas torcidas de clubes menores. A partir da produção de um vídeo documentário busca-se compreender como esses grupos se organizam em relação ao estatuto das instituições, como se articulam, como se mantêm ativos no futebol, como se relacionam com a mídia e como constroem suas identidades. A pesquisa qualitativa também incorpora entrevistas com torcedores, um profissional da psicologia e representantes da mídia, buscando diferentes perspectivas sobre as torcidas organizadas.

É importante destacar que este estudo não tem como foco discutir a violência associada às torcidas organizadas, mas sim compreender suas práticas culturais e seu papel no cenário esportivo goiano.

Este trabalho está organizado em três capítulos sendo o primeiro capítulo dedicado a história do futebol e as torcidas organizadas, o segundo capítulo discorre sobre as torcidas organizadas e o espaço na mídia tradicional além de abordar conceitos sobre o vídeo documentário e o terceiro capítulo apresenta a elaboração do produto e os resultados

CAPÍTULO 1

1 A EVOLUÇÃO DO FUTEBOL NO MUNDO

O futebol, considerado o esporte mais popular do planeta, teve início na Inglaterra, ainda no século XVII. Naquela época, era praticado com uma bola de couro e sem regras bem definidas. Com o passar do tempo, o esporte rompeu barreiras culturais e geográficas, ganhou regulamentações e se profissionalizou.

Hoje, impulsionado por avanços tecnológicos e por investimentos bilionários, o futebol continua se desenvolvendo e alcançando novos patamares, consolidando-se cada vez mais como uma paixão global.

1.1 Futebol: a paixão que molda a identidade brasileira

O futebol consolidou-se, ao longo do século XX, como o principal esporte do país, tornando-se também um elemento cultural do Brasil, sendo fortemente reconhecido como a “paixão nacional”. Mais do que um simples jogo, ele se tornou parte fundamental da identidade coletiva brasileira, assumindo papel central na vida social, cultural e até mesmo política do país.

Desde a infância, crianças entram em contato com o futebol de maneira espontânea, seja nas ruas com o famoso “golzinho de chinelo”, nos “campinhos” improvisados ou nas escolas, o que contribui para a formação de vínculos afetivos que atravessam gerações. Essa prática cotidiana reforça a ideia de que futebol é mais do que um esporte: é um algo que traz valores, emoções e experiências compartilhadas pela população.

A fama internacional do Brasil como “país do futebol” foi construída a partir da trajetória de grandes atletas, como Pelé, Garrincha, Romário, Ronaldo e, mais recentemente, Neymar, que projetaram o talento brasileiro para fora do país. As conquistas da Seleção Brasileira em Copas do Mundo fortaleceram essa imagem e contribuíram para que o futebol fosse incorporado ao imaginário coletivo como símbolo de orgulho e pertencimento, pois não é à toa que o País é o maior campeão mundial.

Além do aspecto esportivo, o futebol exerce forte influência social. Ele mobiliza torcidas, gera debates, movimenta a economia e se apresenta como espaço de expressão cultural e de identidade. As partidas reúnem diferentes classes sociais e regiões, funcionando como uma linguagem universal que ultrapassa barreiras (Futebol, 2023).

Falando sobre o futebol como espaço de expressão simbólica o autor Wilson Rinaldi (2000, p. 168) cita o antropólogo e professor Roberto DaMatta para explicar a relação entre o

futebol e a sociedade.

O futebol seria assim um espaço onde a sociedade simbolicamente se expressa, manifesta-se, deixando descobrir-se. “O futebol praticado, vivido, discutido e teorizado no Brasil seria um modo específico, entre tantos outros, pelo qual a sociedade brasileira fala, apresentasse, revela-se, deixando-se, portanto descobrir” (DaMatta, 1982, p. 21).

Assim, podemos compreender que o futebol no país é muito mais do que um simples esporte. Para muitos brasileiros, ele representa uma forma de reconhecimento e descoberta de si mesmos, uma paixão que envolve, emociona e permite que o povo se veja refletido nas práticas, nos rituais e nos significados que o jogo carrega.

1.2 Torcidas organizadas: a origem no Brasil

Para poder entender melhor as torcidas organizadas, devemos antes entender como elas surgiram e quando elas surgiram. O primeiro registro de uma torcida organizada aconteceu em 1939, no caso era chamada de torcida uniformizada e a primeira torcida foi a torcida uniformizada do São Paulo (TUSP), no qual os torcedores de alta classe social do São Paulo se reuniam em clubes e festas na capital paulista. No fim da década de 60 isso já começa a mudar, os próprios grupos de pessoas criam as primeiras torcidas organizadas no Brasil.

Segundo Geron (1993, p. 6 *apud* Cassante, 2015),

Em primeiro lugar, apenas o lenço branco expressava a adesão da torcida à camisa, vieram depois bandeira, apito, corneta, pó-de-arroz, papel picado e até fumaça colorida. A cada gol que surgia, a resposta da torcida vinha de forma impecável como o terno de linho engomado, a gravata cheia de charme e o chapéu na cabeça dando o detalhe final do que era o torcedor carioca dos anos de 1920 aos de 1950. Alegres e brincalhonas, as torcidas foram se envolvendo em confrontos armados entre as massas de torcedores e hoje são as organizadas que estão transformando o espetáculo do futebol em cenas de violência.

De acordo com o jornalista e escritor Lourenço Diaféria (1992), citado em muitos estudos sobre a origem das torcidas, primeira torcida organizada que surgiu no Brasil foi a Gaviões da Fiel do clube Sport Club Corinthians Paulista, fundada em 1969. Esse movimento das torcidas de São Paulo se expandiu pelo país e em outros estados com base nos times locais. As Torcidas Organizadas surgem em um momento de procura de liberdade no país política e socialmente, o Brasil estava passando por um regime ditatorial, fazendo com que os jovens torcedores passassem a se organizar dentro dessas agremiações almejando um país com

liberdade de expressão, igualdade e democracia (Cassante, 2015). A Democracia Corinthiana, movimento que marcou o futebol brasileiro entre 1982 e 1984, foi muito mais do que um período vitorioso do Corinthians: ela representou um grito de liberdade em plena ditadura militar. Liderados pelos jogadores: Sócrates, Wladimir, Casagrande e outros nomes, os integrantes do time decidiram que todas as decisões internas do clube desde horários de treino até contratações seriam tomadas de forma coletiva, com cada voto tendo o mesmo peso, do atleta ao funcionário mais simples. Essa experiência de participação igualitária transformou o Corinthians em símbolo de liberdade e democracia, tornando-se motivo de orgulho não só para sua torcida, mas para todos que acreditam no poder social do futebol. Quando relacionamos esse movimento às torcidas organizadas, percebemos que ele reforça a importância da participação e do pertencimento dentro do clube. Assim como na Democracia Corinthiana, as torcidas organizadas também constroem suas identidades a partir de decisões coletivas, regras internas e da união entre seus membros, criando um espaço onde cada associado tem voz. O legado dessa época mostra que, quando o torcedor é reconhecido e valorizado, a torcida se fortalece e que, com apoio e liberdade, ela pode alcançar resultados que vão muito além das arquibancadas.

1.2.1 Torcidas organizadas: a vida além das arquibancadas

Para compreender as torcidas organizadas e o que acontece além das arquibancadas, é necessário, primeiramente, entender como elas são tratadas e por que passaram a receber esse tratamento. O que antes era visto como um grito legítimo e uma forma de liberdade de expressão, hoje é frequentemente associado à violência e à marginalização. Atualmente, as torcidas organizadas costumam ser tratadas como um problema social, o que acaba afastando muitas famílias dos estádios e das arquibancadas. Segundo o professor aposentado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Maurício Murad, em reportagem da Agência Brasil, essa visão contribui para a estigmatização desses grupos.

[...] grupos criminosos infiltraram-se nas torcidas organizadas, assim como em outras manifestações populares que reúnam multidões. “São minorias violentas e cruéis, cerca de 5% dos integrantes dessas associações, que precisam sofrer a mão dura do Estado. O cidadão não pode perder o direito ao lazer e ao ir e vir ficando à mercê dessa turma que tem armas e drogas. É preciso separar o joio do trigo”, aponta, criticando as políticas paliativas das autoridades, como adotar torcida única ou dissolver as facções organizadas. “Em 94% das vezes, os conflitos ocorrem longe dos estádios”. [...] (Ricardo, 2020).

Isso mostra como, em muitos casos, os indivíduos envolvidos em brigas no estádio ou

em seu entorno já chegam aos locais com a intenção prévia de provocar tumultos, confrontos ou atos de violência mais graves. Dessa forma, o problema não pode ser atribuído de maneira generalizada às torcidas organizadas como um todo, mas sim a grupos específicos que se aproveitam da aglomeração para praticar atos ilícitos. Essa distinção é fundamental para evitar a criminalização coletiva e para a formulação de políticas públicas mais eficazes, que atuem na prevenção, na segurança e na responsabilização adequada dos envolvidos, sem restringir o direito de lazer da maioria dos torcedores.

1.3 Estatuto das Torcidas

O Estatuto de Defesa do Torcedor, criado em 2003 pela Lei nº 10.671, surgiu em um momento em que o futebol brasileiro vivia um cenário crítico. A década de 1990 ficou marcada por diversos episódios de violência e confrontos entre torcidas, o que gerou um sentimento generalizado de insegurança para quem frequentava os estádios. Muitas famílias deixaram de assistir aos jogos presencialmente por medo, e era evidente que o país precisava de medidas firmes para recuperar a paz e o respeito nos ambientes esportivos. Nesse contexto, o Estatuto apareceu como uma resposta necessária, buscando transformar o torcedor em alguém protegido e valorizado. Com a nova lei, o torcedor passou a ter direitos assegurados, como acesso seguro e organizado aos estádios, venda transparente de ingressos, infraestrutura adequada e informações claras sobre os eventos. Também ficou estabelecida a responsabilidade dos clubes e dos organizadores sobre a segurança, além da criação de punições mais severas para crimes ligados ao esporte, como manipulação de resultados, incitação à violência e participação em brigas dentro e fora das arenas. Pela primeira vez, o torcedor foi reconhecido oficialmente como consumidor e passou a ter sua dignidade garantida por lei. Depois de 20 anos em vigor, o Estatuto do Torcedor foi revogado em 14 de junho de 2023, quando entrou em validação a Lei nº 14.597, conhecida como Lei Geral do Esporte. Diferente do Estatuto, que era focado exclusivamente na proteção do torcedor, a nova lei ampliou e passou a organizar o esporte brasileiro como um todo. Ela reuniu regras sobre governança, economia do esporte, direitos de imagem, integridade esportiva e cultura de paz, além de reforçar pontos já existentes sobre segurança e respeito aos torcedores nos estádios. Ou seja, muitos dos direitos conquistados não foram perdidos pelo contrário, foram reorganizados dentro de um sistema mais amplo. Mesmo com essa mudança, o grande desafio permanece o mesmo. De nada adianta um texto moderno se não houver fiscalização real e compromisso das autoridades, dos clubes, das torcidas e de toda a sociedade. A legislação pode até garantir proteção no papel, mas a segurança nos estádios

só será plena quando todos assumirem essa responsabilidade coletiva.

Assim, a substituição do Estatuto do Torcedor pela Lei Geral do Esporte representa um passo importante na modernização e profissionalização do esporte brasileiro, mas também abre espaço para novas reflexões sobre como construir ambientes esportivos mais inclusivos, seguros e acolhedores, lugares em que famílias, crianças e apaixonados por futebol possam vibrar juntos, novamente.

Além do Estatuto das Torcidas, cada organizada também mantém um conjunto próprio de regras internas para garantir que tudo funcione de forma organizada, definindo responsabilidades de cada integrante. Essas normas servem para orientar a conduta dos membros e preservar a imagem do grupo e do clube que representam. Entre elas, estão punições para atitudes que prejudiquem a torcida ou o time, orientações sobre comportamento em dias de jogo, regras sobre o uso das cores e das roupas oficiais, além da obrigação de respeitar hierarquias internas, como diretoria, bateria e grupos de apoio.

Os associados das torcidas geralmente chamados de membros ativos precisam seguir essas regras para permanecer no grupo. Muitos pagam mensalidades simbólicas, que ajudam na manutenção da sede, compra de materiais, instrumentos e faixas. Em troca, recebem benefícios como acesso às atividades internas, viagens organizadas, participação em reuniões e, em alguns casos, prioridade em eventos ou ações sociais promovidas pela torcida. Essas regras internas também funcionam como um mecanismo de controle social, criando um senso de pertencimento e responsabilidade coletiva. Assim, a torcida se mantém estruturada, disciplinada e alinhada com o propósito central: apoiar o clube e fortalecer sua identidade nas arquibancadas e fora delas.

1.4 A invisibilidade causada pela mídia em relação às torcidas organizadas

A invisibilidade pode ser entendida como um fenômeno social complexo que ultrapassa a simples ausência de visibilidade física. Ela se manifesta como “carência de reconhecimento”, segundo Honneth (1992 apud Tomás, 2012), e também como falta de representatividade, negligência de vozes e apagamento de experiências por parte das estruturas de poder e da atenção pública dominante. Indivíduos e grupos invisibilizados acabam marginalizados nos discursos hegemônicos, tendo suas identidades, demandas e contribuições silenciadas ou minimizadas. Essa invisibilidade não implica inexistência, mas revela a ausência de valorização dentro de um contexto social, político ou cultural, produzindo um apagamento simbólico que limita a participação plena e o reconhecimento de sua importância. Esse fenômeno pode ser

observado no campo do futebol, especialmente nas torcidas organizadas de clubes que não recebem destaque da grande mídia e, muitas vezes, não são reconhecidas nem pelos próprios clubes ou torcedores.

Sob uma perspectiva social, a invisibilidade facilita a manutenção de dinâmicas de poder e contribui para a reprodução de desigualdades. No campo da comunicação, ela se expressa pela seletividade da atenção midiática e pela construção de narrativas dominantes. Assim, é comum perceber que apenas grandes clubes e torcidas com maior repercussão, muitas vezes associados a episódios de violência, ganham espaço e voz, enquanto outras facetas dessas organizações são ignoradas.

Relacionando esse fenômeno à colonialidade e ao pós-colonialismo, Boaventura de Sousa Santos (1995) aponta que a invisibilidade funciona como um processo ativo de exclusão, que reforça preconceitos e impede o reconhecimento da diversidade de experiências sociais. Aplicando essa leitura ao universo do futebol e das torcidas organizadas, percebe-se que a falta de representação dessa agremiação na mídia tradicional também contribui para limitar sua visibilidade, como integrantes da engrenagem social que também atuam de forma positiva em vários campos. Quando ampliamos essa análise para as boas ações das torcidas organizadas, como campanhas de arrecadação, ações sociais em comunidades, doações, projetos de educação e inclusão, torna-se evidente que a invisibilidade midiática reforça estereótipos negativos e contribui para uma percepção pública distorcida. A mídia tende a destacar episódios de conflito ou comportamentos violentos, enquanto ações solidárias, que poderiam humanizar e complexificar a imagem dessas torcidas, permanecem relegadas ao silêncio. E até mesmo quando as torcidas organizadas agem em episódios que se alinham com o interesse público, são retratados como baderneiros pela mídia tradicional. Um exemplo disso foi o “fura bloqueio” feito por várias torcidas organizadas como a do Atlético de Minas Gerais, durante a greve dos caminhoneiros em 2022.

Dessa forma, a invisibilidade midiática não apenas reduz o reconhecimento social dessas iniciativas positivas, mas também impacta a autoestima, a organização interna e a legitimidade pública das torcidas. Ao negligenciar suas contribuições comunitárias, a mídia fortalece narrativas que desconsideram o papel social que muitas dessas organizações desempenham, perpetuando um ciclo de marginalização que dificulta sua valorização e a compreensão de sua pluralidade.

CAPÍTULO 2

2 AS TORCIDAS ORGANIZADAS NA VISÃO DO JORNALISMO ESPORTIVO

Alguns comentaristas esportivos já classificaram as torcidas e em especial as organizadas como o “décimo segundo jogador”. Esse capítulo aborda como a energia da torcida organizada pode fazer diferença no placar final de um jogo de futebol. A torcida organizada funciona como um combustível especial com seus cantos, balançar das camisetas de forma cadenciada nas arquibancadas, fumaça colorida. Tudo isso é um espetáculo à parte. Em artigo publicado no portal de notícias. “Passa palavra”, Melim (2009) afirma:

Com o surgimento das torcidas organizadas no final dos anos 60, a imprensa passa a dar notoriedade a esse processo de organização através de coberturas que ressaltavam e incentivavam as festas nas arquibancadas. Essa mesma cobertura abriu espaço para a consequente referência e caracterização do torcedor apaixonado, guerreiro, capaz de acompanhar o time em qualquer circunstância.

“Os únicos ânimos que a chuva fina e constante não conseguia arrefecer eram os do Gaviões da Fiel. Quem assistiu a seu entusiasmo (...) no dia da decisão do primeiro turno entre Corinthians e São Paulo não notou nenhuma diferença. O mesmo batuque cadenciado, quase perfeito”. (Folha de S. Paulo – Matéria: “No Pacaembu, o batuque dos Gaviões da Fiel”, 19/12/1974).

Mas nem sempre a imprensa relata isso de maneira positiva. O autor Toro (2004), em seu trabalho “O espectador como espetáculo: notícias das Torcidas Organizadas na Folha de S. Paulo (1970-2004)”, discute como a mídia reproduz reportagens sensacionalistas sobre as torcidas organizadas, contribuindo para a formação de uma opinião pública extremamente perigosa a ideia de que quem frequenta o estádio é necessariamente um “baderneiro” ou “bagunceiro”. A reportagem de Melim (2009), ainda amplamente utilizada como referência quando o assunto são torcidas organizadas, destaca a importância da mídia, especialmente a esportiva, na consolidação dessa imagem negativa. Isso está alinhado ao que afirma a socióloga Gohn (2000), ao defender que a mídia possui o poder de modelar a consciência dos indivíduos.

Um outro texto que dialoga com essa perspectiva é o livro de Sondermann (2018), *Churchill e a ciência por trás dos discursos*. No capítulo intitulado “A imagem e a mensagem”, o autor explica que a força de uma mensagem está diretamente relacionada à credibilidade de quem a transmite. Ou seja, dependendo de quem fala, o público tende a aceitar a informação como verdade absoluta, sem questionamentos.

Além disso, observa-se que, frequentemente, a cobertura midiática sobre torcidas organizadas ocorre sem a inclusão da perspectiva dos próprios torcedores. A ausência de suas vozes como fontes legítimas de informação contribui para que a narrativa dominante seja

construída apenas a partir do ponto de vista da imprensa. Dessa forma, o público tende a formar sua opinião com base na versão mais difundida, sem acesso a contrapontos ou esclarecimentos por parte dos envolvidos. Em especial a televisão contribui para manutenção dessa visão negativa das torcidas, divulgando imagens muitas vezes sensacionalistas de violência e irracionalidade. Fazendo uma análise sobre o discurso jornalístico da mídia das torcidas organizadas no Brasil, Salles (2012) apresenta um levantamento de 14 reportagens exibidas em grandes emissoras de TV sobre a violência das torcidas organizadas. A pesquisa da autora revela que mesmo a mídia sendo uma importante mediadora das informações na sociedade, acaba por direcionar a percepção do indivíduo comum para a atuação nociva das torcidas organizadas.

2.1 O Esvaziamento da agenda midiática sobre as torcidas organizadas

Diante dessa invisibilidade das torcidas organizadas e a cobertura negativa da mídia é importante ponderar nesse tópico do trabalho a dinâmica da Teoria do Agendamento no jornalismo. A Teoria da Agenda Setting formulada por Combs e Shaw (1972) defende que a mídia tem o poder de “dizer as pessoas sobre o que pensar”, Wolf (2005). Dessa forma percebe-se que as torcidas organizadas são incapazes de compor uma agenda positiva da mídia. Ou seja, não tem capacidade de fazer com que ações culturais ou sociais promovidas por elas circulem na agenda de assuntos que interessam a mídia tradicional. Sem o aparato profissional de um assessor de imprensa ou mesmo de um relações públicas fica clara uma grande dificuldade de publicitação das boas iniciativas. Um assessor de imprensa é o responsável pelo contato direto com os veículos de comunicação. É ele quem disponibiliza informações necessárias e dá contornos de relevância a essas informações ajudar a construir uma imagem social positiva das torcidas organizadas. A conversa diária com repórteres, produtores e editores de emissoras de rádio, televisão, portais de notícias pode significar presença constante na agenda midiática. É dessa forma que uma pauta das torcidas pode ter chance de atender previamente os critérios de noticiabilidade da mídia tradicional.

Durante o levantamento de fontes desse trabalho, essa ausência da agenda da mídia se manifestou de forma muito clara. Nenhuma das torcidas organizadas que foram procuradas por nós tinha uma assessoria de imprensa que se dispusesse a dar as informações necessárias para elaboração do trabalho. Fica claro, que as ações positivas das torcidas não têm relevância porque não são divulgadas de maneira correta, dentro da lógica da produção da notícia.

2.2 Mais que torcer: o pertencimento como fundamento das torcidas organizadas

Outro conceito que exploramos nessa pesquisa é o de pertencimento. Esse é um sentimento que traz acalento e segurança e quanto falamos de torcidas organizadas, mesmo as pequenas torcidas esse sentimento pode fazer muita diferença. O senso de pertencimento surge quando temos uma certeza individual de que fazemos parte a um determinado grupo ou comunidade que pode ser, família, igreja, amigos, escola e até mesmo a empresa onde trabalhamos. De acordo com a psicologia o senso de pertencimento é uma ligação psicológica entre o indivíduo e o grupo cuja unidade e permanência fazem sentidos para os membros.

O conceito de pertencimento é desenvolvido por vários pensadores, mas foram os psicólogos Roy Baumeister e Mark Leary quem primeiro se preocupou com uma definição. Os dois teóricos consideram o pertencimento “uma motivação que seres humanos têm para procurar e manter laços sociais profundos, positivos e recompensadores” (Gastal; Pilari, 2016, p. 286). Sendo assim além da necessidade de estar inserido em um grupo, é necessário levar em conta a qualidade dos laços estabelecidos com os outros membros do grupo e o sentimento de aceitação. Outro teórico que se preocupou com as variantes do sentimento de pertencimento foi Abraham Maslow, que o incluiu como uma das necessidades essenciais do ser humano desde o nascimento (Allen *et al.*, 2021). Sentir-se inserido, aceito, participante é uma necessidade que nos acompanha a vida toda. De acordo com a teoria de Maslow, dentre as condições necessárias para que um indivíduo se desenvolva adequadamente, o senso de pertencimento está em terceiro lugar, atrás das necessidades básicas (como respirar, descansar e se alimentar) e necessidades de segurança (como proteção, abrigo, suporte financeiro) (Hierarquia, [2008]). Aplicando esse conceito para o âmbito das torcidas organizadas, acreditamos que o pertencimento ganha ainda mais força. Ora, aquele sujeito que se sentia solitário em sua torcida encontra no grupo de torcedores outros sujeitos que estão alinhados com seus objetivos e sentimentos, que compreendem suas motivações, suas dores, sem julgamentos e estão prontos para acolher. Se uma pessoa não consegue encontrar o senso de pertencimento em nenhum momento de sua vida provavelmente a sua identidade e autoestima será afetada. Em outras palavras, ser aceito como parte do grupo ou por outros é extremamente satisfatório e gera sensação de bem-estar, afetando positivamente a maneira que você se percebe no mundo. O senso de pertencimento ajuda na criação de vínculos de lealdade, respeito e confiança. Portanto, sentir-se parte de algo maior colabora no sentimento de realização pessoal.

Sendo assim as torcidas organizadas mantem as características de pertencimento a partir

da identificação com o grupo onde ele é aceito, na partilha de elementos culturais, valores e costumes. A unidade do grupo faz com que os integrantes se sintam parte de algo maior que eles próprios.

3. O que é Documentário?

O Documentário nasce em 1895, com os irmãos Lumière, que filmavam cenas do cotidiano como *A Saída dos Operários da Fábrica* e *A Chegada do Trem à Estação*. Esses registros não tinham ficção nem encenação elaborada, apenas mostravam a realidade como ela acontecia, o que constitui a base do documentário. As chamadas vistas dos Lumière buscavam capturar fragmentos da vida diária, valorizando o caráter de observação e o registro direto do mundo histórico. Com o avanço da linguagem cinematográfica, essa prática foi se desenvolvendo e ganhando novas intenções e formatos. No início do século XX, cineastas passaram a utilizar o cinema não apenas como curiosidade tecnológica, mas como instrumento de registro social, educativo e científico. Obras etnográficas, filmes de viagem e registros de eventos reais contribuíram para a consolidação de um cinema voltado à representação do real. O termo “documentário” seria posteriormente associado a esse tipo de produção, especialmente a partir das experiências de John Grierson nas décadas de 1920 e 1930, que defendia o documentário como um “tratamento criativo da realidade”. Assim, embora suas origens estejam ligadas à simples observação do cotidiano, o documentário evolui incorporando escolhas estéticas, narrativas e ideológicas, mantendo, porém, o compromisso com a realidade e com a interpretação do mundo histórico (Nichols, 2005).

Segundo Nichols (2005), um dos principais teóricos do documentário, existem seis modos de representação documental. Cada um deles possui características próprias que definem a forma como a realidade é captada, apresentada e interpretada. Documentário é um gênero cinematográfico que tem o objetivo de mostrar com evidências para o telespectador sobre algum determinado tema, e existem vários subgêneros de documentário, sendo eles:

3.2.1 Documentário Expositivo

É considerado o primeiro modo formal de documentário a ser desenvolvido. Sua principal característica é o uso da voz over, uma narração em off que conduz o espectador através das informações apresentadas. A voz do narrador, que não é vista em cena, possui autoridade e serve como guia interpretativo das imagens. Nesse tipo de documentário, o discurso verbal assume papel superior à imagem, o que caracteriza sua função expositiva: a narração fala e a imagem ilustra. É frequentemente utilizado para transmitir informações de

forma clara e didática, com forte apelo argumentativo

3.2.2 Documentário Observativo

Este modo busca representar o mundo da forma mais natural e espontânea possível. A palavra-chave aqui é naturalidade. As câmeras geralmente são fixas ou discretas, evitando interferência no ambiente filmado. O documentarista adota uma postura de observador, captando acontecimentos como eles realmente ocorrem, sem intervir ou direcionar a cena. O objetivo é permitir que o espectador "observe" a realidade por si só, sem mediações evidentes

O documentário *Paixão Organizada* se relaciona com esse modo de documentário ao priorizar a escuta e a vivência dos próprios integrantes das torcidas organizadas. A narrativa é construída a partir de seus relatos e experiências, permitindo que os personagens se apresentem sem a mediação de julgamentos externos. Dessa forma, a obra adota um olhar observacional e participativo, rompendo com a visão negativa tradicional da mídia e evidenciando o sentimento de pertencimento, a identidade coletiva e o caráter social das torcidas.

3.2.3 Documentário Participativo

Nesse formato, é comum que o diretor apareça em cena e interaja diretamente com os sujeitos filmados. A realidade representada é construída a partir do encontro entre o cineasta e os participantes do documentário. O entrevistador não se esconde e o ambiente onde a entrevista ocorre é frequentemente mostrado, revelando o processo de construção do documentário. O registro da realidade, nesse caso, passa a incluir o próprio ato de filmar.

3.2.4 Documentário Reflexivo

Vai além do modo participativo ao questionar a própria natureza do documentário e a relação entre representação e realidade. É um tipo de documentário provocativo, que busca fazer o espectador refletir sobre o que vê e sobre como vê. Ele levanta questões como: até que ponto é possível documentar o real? Como as escolhas do diretor interferem na construção do que é mostrado? O documentário reflexivo reconhece e revela os mecanismos de produção do próprio filme.

3.2.5 Documentário Performático

Nesse modo, o diretor não apenas aparece em cena, mas torna-se protagonista da narrativa. É comum que o filme tenha um caráter investigativo, com tom irônico ou confessional, e que exponha experiências pessoais ou subjetivas do próprio cineasta. O uso de voz over também é frequente, mas agora para expressar emoções, pensamentos e conflitos internos. O documentário performático funde o pessoal e o político, tornando-se uma forma de expressão íntima e artística.

3.2.6 Documentário Poético

Caracteriza-se pela busca de sensações e experiências estéticas por meio das imagens. Não possui uma narração clara ou objetiva, e muitas vezes abandona a linearidade narrativa tradicional. Utiliza planos inusitados, enquadramentos simbólicos e uma trilha sonora marcante para provocar emoções no espectador. A intenção não é tanto informar, mas evocar, sugerir e sensibilizar

CAPÍTULO 3

DESCRIÇÃO DO PRODUTO

O vídeo documentário *Paixão Organizada: A voz da arquibancada* trata da história das torcidas organizadas, desde estatutos, punições e como a mídia trata as torcidas organizadas. O vídeo documentário foi orientado pelas características do documentário reflexivo.

O filme tem duração de 21 minutos e 58 segundos, onde são entrevistados 6 personagens, entre esses personagens está o fundador da torcida do Anápolis futebol clube, que não está mais envolvido no ramo das torcidas organizadas, e hoje em dia é jornalista da PUC Tv e além de falar sua experiência como fundador, também fala seu lado como profissional. Outra fonte de entrevistas foi um historiador do estado de Goiás, que conta um pouco da origem das torcidas no estado, um torcedor que vai frequentemente ao estádio com sua família e fica nas torcidas organizadas. Entrevistamos também um Psicólogo, para trazer um pouco do lado científico e social do assunto. Outra fonte usada no videodocumentário foi o (rapaz da ANATORG). A entrevista foi retirada da internet e ajuda a ampliar a visão sobre a organização das torcidas no Brasil.

Chegando perto da entrega do trabalho, conseguimos uma breve entrevista com o goleiro profissional da Anapolina, que relatou seu sentimento como jogador profissional sobre as relações com as torcidas.

Para realização das entrevistas foi utilizado um estabilizador de celular emprestado por uma amiga e um microfone de lapela de uso pessoal. As entrevistas foram gravadas em 3 dias diferentes. Foram gastas aproximadamente quatro horas para decupagem das entrevistas e o material foi editado no Capcut PRÓ. Foram feitas três edições até a edição final do produto com imagens retiradas da internet, e as cartelas com as informações. A edição foi feita pelos próprios autores em uma Lan house.

DIÁRIO DE PRODUÇÃO

27 DE SETEMBRO

A nossa primeira entrevista aconteceu no dia 27 de setembro, quando fomos conversar com o historiador Paulo Maskote, escolhido pelo seu amplo conhecimento sobre o tema e também por indicação de pessoas próximas que já o haviam entrevistado e nos deram um ótimo feedback sobre sua disponibilidade e profundidade nas análises. O processo de agendamento levou cerca de uma semana. Não tivemos grandes dificuldades para marcar, apenas para decidir o local, já que ele mora na região central de Goiânia e precisávamos encontrar um ambiente viável para a gravação. Por isso, optamos por realizar a entrevista em uma cafeteria no Centro, onde ele se sentia mais confortável e que também atendia ao objetivo de priorizar sempre um espaço acessível para os entrevistados. Como era nossa primeira entrevista, estávamos um pouco nervosos e receosos sobre como seria a condução das perguntas e o desenrolar da conversa. Antes de iniciarmos, fizemos os testes técnicos de microfone e câmera, garantindo que o material fosse gravado da melhor forma possível.

A cafeteria estava com bastante movimento, um ambiente com ruídos constantes e pessoas circulando, o que trouxe um certo desafio para manter a concentração, mas também proporcionou um clima urbano que combina com o contexto social das torcidas organizadas.

A conversa durou aproximadamente 12 minutos, tempo no qual abordamos principalmente a origem das torcidas organizadas e a forma como a violência presente nelas pode ser compreendida como um reflexo direto da sociedade — ponto que se tornou a resposta mais marcante e impactante da entrevista. Maskote destacou a importância de enxergar as torcidas não como um fenômeno isolado, mas como parte de problemas sociais muito mais amplos, relacionados à desigualdade, à marginalização e à falta de políticas públicas. Essa primeira experiência foi essencial para nós. Além de quebrar o nervosismo inicial, nos fez perceber que estávamos caminhando na direção certa e reforçou a importância de escutar vozes especializadas para fundamentar o documentário.

29 DE OUTUBRO

Na manhã marcada para as entrevistas, chegamos ao estúdio de TV da PUC Goiás às 8h. O clima era tranquilo e agradável, e a estrutura do laboratório, com câmeras, iluminação e ambiente profissional, trouxe ainda mais seriedade e importância ao processo. Ali, registramos a experiência de um torcedor comum do Goiás Esporte Clube, Fernando Henrique, que frequenta a torcida organizada junto com sua família. Ele descreveu a atmosfera dentro da

torcida organizada como algo essencial para o futebol, afirmando que a presença da família torna cada jogo ainda mais especial. De forma serena, explicou que sempre ouviu de seu pai que “quem vai ao estádio para brigar, briga, e quem não vai para brigar, não briga”. Essa frase resume a forma como ele enxerga o ambiente das arquibancadas e sua relação com o futebol: participar para apoiar o clube, e não para criar confusão. Em praticamente todos os jogos, ele vai acompanhado do pai, da mãe, da namorada e do irmão mais novo, de aproximadamente 7 ou 8 anos. Para ele, estar com a família na organizada fortalece ainda mais a paixão pelo time e cria memórias afetivas marcantes. Ele relatou que nunca passou por momentos de tensão ou violência no estádio e ressaltou que a estrutura de segurança é favorável, o que o motiva a continuar presente nas arquibancadas.

Durante a conversa, demonstrou grande tranquilidade e firmeza ao assumir uma posição de defesa das torcidas organizadas. Segundo ele, essas torcidas são parte essencial do espetáculo esportivo e contribuem para a atmosfera única do futebol brasileiro. Comentou também sobre a relação com a mídia, afirmando que ela costuma relatar os acontecimentos como são, mas que muitas vezes não cobre as ações sociais realizadas pelas torcidas organizadas, dando destaque maior às confusões, que acabam ganhando repercussão. Para ele, a torcida organizada é um componente fundamental do futebol e sem ela a experiência do estádio seria muito menos vibrante.

05 DE NOVEMBRO

Esse dia foi o que mais realizamos entrevistas durante todo o processo de produção. Entrevistamos os fundadores das torcidas organizadas do Atlético Clube Goianiense e do Anápolis Futebol Clube. A entrevista com o representante do Atlético Goianiense foi realizada pela manhã, em uma panificadora localizada no bairro Jardim Atlântico. Já a entrevista com o fundador da torcida do Anápolis aconteceu no período da tarde. Além de ser fundador, ele também é jornalista da PUC TV, o que contribuiu para respostas extremamente detalhadas e bem estruturadas, enriquecendo ainda mais o conteúdo.

Durante a entrevista com o fundador da Torcida Independente Tricolor do Anápolis, Humberto Castro, o diálogo foi muito produtivo e significativo. Ele compartilhou um pouco de sua trajetória pessoal dentro da torcida organizada, contando como iniciou sua relação com o clube e como, ao longo dos anos, transformou sua paixão em um movimento coletivo. Humberto explicou também como funcionam as regras internas que norteiam o comportamento dos membros, as exigências legais que uma torcida organizada precisa cumprir e as punições aplicadas quando algum integrante comete irregularidades. Seu relato foi marcado por muita sinceridade e emoção, demonstrando o quanto a torcida representa um espaço de acolhimento,

união e responsabilidade social. Essa entrevista foi especialmente marcante porque mostrou o lado humano por trás da imagem estigmatizada das torcidas organizadas, revelando histórias de dedicação, construção de identidade e luta pela valorização do clube e da sua comunidade.

13 DE NOVEMBRO

Essa data entrevistamos um especialista sobre o assunto científico, no caso um Psicólogo. Essa entrevista tivemos dificuldade de constatar um Psicólogo social ou um Sociólogo que no caso seria o mais adequado para falar do assunto. Entrevistamos um Psicólogo clínico, onde fomos ao seu consultório e mesmo sem “dominar” o assunto, ele relatou muito bem sobre o assunto e pôde contribuir bastante para nosso filme documentário.

MEMORIAL

Gustavo Camargo

Ao longo do processo de produção do documentário *Paixão Organizada*, as entrevistas tiveram um papel central na construção da narrativa e no aprofundamento do tema. Cada conversa contribuiu de maneira significativa para ampliar o olhar sobre as torcidas organizadas, permitindo que o documentário fosse além do senso comum e das representações superficiais.

A entrevista com Humberto Castro foi fundamental para contextualizar historicamente e socialmente o fenômeno das torcidas. Seu depoimento trouxe uma visão analítica e crítica sobre o surgimento das organizadas, suas transformações ao longo do tempo e a relação direta com fatores culturais, regionais e midiáticos. A partir de suas falas, foi possível compreender como o discurso dominante muitas vezes ignora a complexidade dessas organizações, reforçando estigmas e invisibilizando aspectos positivos e estruturais do movimento torcedor. Já a participação do psicólogo contribuiu de forma decisiva para a compreensão do comportamento coletivo dentro das arquibancadas. Sua análise sobre o indivíduo inserido na multidão, o sentimento de pertencimento e a influência emocional do que acontece dentro de campo ajudou a traduzir, em termos psicológicos, ações e reações frequentemente julgadas de maneira simplista. Esse olhar técnico trouxe equilíbrio ao documentário, conectando emoção, identidade e comportamento social. Durante as entrevistas, o diálogo foi conduzido de forma aberta, permitindo que os entrevistados desenvolvessem seus pensamentos com profundidade. Esse processo refletiu diretamente na etapa de decupagem e na construção do roteiro final, onde buscamos respeitar a essência de cada fala e integrá-las de maneira coerente à narrativa do documentário. Assim, o processo de produção se consolidou como um espaço de escuta, reflexão e troca de conhecimentos. As entrevistas não apenas enriqueceram o conteúdo do trabalho, como também fortaleceram a proposta do documentário de dar voz, contexto e significado às torcidas organizadas, evidenciando sua importância social, cultural e simbólica dentro do futebol brasileiro.

Fernando Lima

Ao longo do processo de produção do documentário *Paixão Organizada*, as entrevistas tiveram papel essencial na construção da narrativa e no aprofundamento do tema. Cada encontro possibilitou ampliar o entendimento sobre as torcidas organizadas, permitindo que o documentário se afastasse de visões simplificadas e estigmatizadas, frequentemente reproduzidas pelo senso comum e por parte da mídia.

A entrevista com o psicólogo Bruno foi um dos momentos centrais e mais significativos para

a construção do documentário. Sua participação proporcionou uma leitura sensível e técnica sobre o comportamento coletivo nas arquibancadas, abordando questões como o sentimento de pertencimento, a formação da identidade grupal e a intensidade emocional que atravessa o ambiente do futebol. A análise do indivíduo inserido na multidão contribuiu diretamente para traduzir, em termos psicológicos, atitudes e reações frequentemente julgadas de forma superficial, permitindo um olhar mais humanizado sobre as torcidas organizadas.

O processo de montagem foi marcado por decisões que priorizaram a experiência sensorial do futebol e das torcidas organizadas. Imagens de arquibancada, cânticos, bandeiras e movimentos coletivos foram articulados com os depoimentos, criando uma dinâmica entre fala e imagem que reforça o caráter coletivo da paixão futebolística. A trilha sonora e o som ambiente tiveram papel fundamental nesse processo, funcionando não apenas como fundo, mas como parte ativa da narrativa, aproximando o espectador da vivência real do estádio.

Ao longo da edição, buscamos evitar uma abordagem explicativa excessiva ou julgadora, optando por uma construção que permitisse ao público compreender as torcidas organizadas a partir de suas próprias expressões e contextos. Essa escolha dialoga diretamente com a proposta do documentário, que é dar espaço à complexidade do fenômeno e romper com discursos simplificadores. Assim, a construção do material documental se consolidou como um exercício de escuta, seleção e responsabilidade narrativa, no qual cada corte, enquadramento e sobreposição sonora contribuiu para reforçar a ideia central de *Paixão Organizada*: a voz da arquibancada como um retrato sensível, crítico e comprometido com a realidade apresentada.

3.2 OUTRAS CONSIDERAÇÕES

Tivemos muitos empecilhos para poder concluir esse filme documentário e até o teórico. Desde o início da faculdade, sempre fizemos trabalho juntos e quase sempre fizemos trabalhos relacionados ao futebol, por sermos apaixonados no futebol, entramos no curso pensando exatamente isso no curso, no jornalismo esportivo.

No início desse trabalho, pretendíamos fazer um vídeo documentário com outro enfoque. O tema era a invisibilidade das pequenas torcidas. Durante as discussões com a professora orientadora escolhemos as torcidas do Goiânia Futebol Clube e do Aparecidense. Chegamos a fazer vários contatos com torcedores e dirigentes das torcidas organizadas, mas infelizmente sem sucesso. O presidente da torcida organizada do Goiânia sempre negou qualquer contato para uma entrevista, já o pessoal da Aparecidense, não deu nenhum retorno e o não acesso a série C fez o clube sofrer um abalo, e acreditamos por isso que nunca foram favoráveis a entrevista. Também chegamos a cogitar entrevistas com a torcida organizada do Inhumas Futebol Clube. Nossas tentativas também fracassaram uma vez que o clube não estava mais participando de nenhum campeonato e a torcida estava dispersa. Dessa forma como o jornalista sempre tem que ter o plano B partimos para um outro enfoque no documentário, retratando as torcidas organizadas de uma forma mais ampla aplicando os conceitos de pertencimento e invisibilidade de uma maneira geral. Essa experiência nos mostrou o quanto é importante o trabalho de obtenção de fontes confiáveis para abordagem de um assunto e que o enquadramento de um assunto pode ser enriquecido mesmo em condições adversas. Acreditávamos que as pequenas torcidas seriam mais acessíveis, mas a realidade foi outra, mas mesmo com as dificuldades, conseguimos abordar questões importantes sobre a mobilização das torcidas organizadas, a importância para o torcedor e a abordagem da mídia.

CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho, buscamos compreender de maneira ampla e profunda a realidade das torcidas organizadas, grandes e pequenas. Durante o processo de pesquisa e produção documental, percebemos que existe um distanciamento significativo entre o que é mostrado pela mídia tradicional e o que realmente representa a vivência desses grupos dentro e fora dos estádios. As entrevistas realizadas foram fundamentais para desconstruirmos estereótipos e compreendermos elementos que dificilmente ganham espaço no debate público. A partir das falas de fundadores de torcidas, torcedores, um historiador, um psicólogo e profissionais envolvidos no futebol, observamos que as torcidas organizadas possuem um papel social muito mais amplo do que a simples associação à violência. Elas representam sentimento de pertencimento, identidade cultural, acolhimento e mobilização coletiva, valores frequentemente ignorados ou reduzidos diante de manchetes sensacionalistas. Além disso, ficou evidente no processo de produção do documentário que a falta de visibilidade midiática sobre os clubes menores contribui para o enfraquecimento tanto das instituições esportivas quanto de suas torcidas que nem sequer se interessaram em abordar o assunto nesse trabalho.

Outro ponto marcante observado foi o contraste entre a narrativa negativa repetida pela imprensa e as ações sociais promovidas pelas torcidas, as quais raramente são divulgadas. Essas ações muitas vezes impactam diretamente suas comunidades, demonstrando que tais grupos possuem um papel ativo na construção e transformação social.

Com este documentário, concluímos que reduzir as torcidas organizadas apenas a episódios de violência é ignorar a complexidade de suas histórias e identidades. Nossa intenção, ao produzir *Paixão Organizada: A Voz da Arquibancada*, foi justamente oferecer um novo olhar sobre esse universo, mostrando que a paixão pelo clube ultrapassa as arquibancadas e revela trajetórias humanas, emocionais e coletivas. Esperamos que este trabalho contribua para ampliar o debate, provocar reflexão crítica e incentivar uma abordagem mais responsável, equilibrada e justa sobre as torcidas organizadas, não como inimigas do futebol, mas como parte fundamental dele.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLEN, Kelly-Ann *et al.* Belonging: a review of conceptual issues, an integrative framework, and directions for future research. **Aust J Psychol**, [s. l.], v. 73, n. 1, p. 87-102, 2021. DOI: 10.1080/00049530.2021.1883409. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC8095671/#%3A~%3Atext%3Desse%20construto%20fundamental.-%2CConclus%C3%A3o%2Csociedade%2C%20muito%20trabalho%20%C3%A9%20necess%C3%A1rio>. Acesso em: 19 nov. 2025.

CASSANTE, Guilherme Vida Leal. O surgimento das torcidas organizadas no Brasil. **Jusbrasil**, [s. l.], 11 nov. 2015. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/o-surgimento-das-torcidas-organizadas-no-brasil/254214897>. Acesso em: 19 nov. 2025.

DIAFÉRIA, L. Coração Corinthiano: grandes clubes do Futebol Brasileiro e seus maiores ídolos. São Paulo: fundação Nestlé de cultura, 1992. V.02, cap.63, p.314-317.

FUTEBOL: o pulso do Brasil e sua paixão nacional. **USFX**, [s. l.], 2 mar. 2023. Disponível em: <https://usfx.info/futebol-o-pulso-do-brasil-e-sua-paixao-nacional/>. Acesso em: 25 nov. 2025.

GASTAL, Camila Azevedo; PILATI, Ronaldo. Escala de Necessidade de Pertencimento: adaptação e evidências de validade. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 21, n. 2, p. 285-292, maio/ago. 2016. DOI: 10.1590/1413-82712016210206. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psuf/a/VnsBqwhLRbknDZ9k3jPS9MS/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 19 nov. 2025.

GOHN, Maria da Glória. **Mídia terceiro setor e MST: impactos sobre o futuro das cidades e do campo**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MELIM, Tatiana. Especial Futebol (V): Torcidas organizadas e a cobertura da imprensa esportiva. **Passa palavra**, [s. l.], 18 jun. 2009. Disponível em: <https://passapalavra.info/2009/06/8662/>. Acesso em: 19 nov. 2025.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. 2. ed. São Paulo: Papyrus, 2005.

RICARDO, Rodrigo. Sociólogo defende plano estratégico para conter violência de torcidas: Mauricio Murad defende que ações devem ir além da repressão. **Agência Brasil**, Rio de Janeiro, 25 ago. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/esportes/noticia/2020-08/cientista-defende-plano-estrategico-para-conter-violencia-de-torcidas>. Acesso em: 25 nov. 2025.

RINALDI, Wilson. O futebol como expressão cultural e meio de ideologização no Brasil. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 11, n. 1, p. 167-172, 2000. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3804>. Acesso em: 19 nov. 2025.

SALLES, Amanda Christine Leal. De torcedores a facções: uma análise do discurso jornalístico sobre as torcidas organizadas no Brasil. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/3745/1/ASALLES.pdf>. Acesso em 19 nov 2025

SONDERMANN, Ricardo. **Churchill e a ciência por trás dos discursos**: como palavras se transformam em armas. São Paulo: LVM, 2018.

TOMÁS, Júlia. A invisibilidade social: uma construção teórica. In: COLÓQUIO “CRISE DAS SOCIALIZAÇÕES”, 2012, Braga. **Anais** [...]. Braga: Centro de Estudos em Comunicação e Sociedade Universidade do Minho - CECS, 2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/228333133_A_invisibilidade_social_uma_construcao_teorica. Acesso em: 19 nov. 2025.

TORO, Camilo Aguilera. **O espectador como espetáculo**: notícias das Torcidas Organizadas na Folha de S. Paulo (1970-2004). 2004. 145 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, 2004. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/335063>. Acesso em: 25 nov. 2025

WOLF, Mauro. *Teorias das comunicações de massa*. Tradução de Karina Jannini. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (Coleção Leitura e Crítica).

APÊNDICE – ROTEIRO

ROTEIRO DOCUMENTÁRIO — *Paixão Organizada: A Voz da Arquibancada*

CENA 1 – ABERTURA 0’00 AO 0’23	CLIFE COM IMAGENS DAS TORCIDAS ORGANIZADAS DO ESTADO DE GOIÁS: GOIÁS, VILA NOVA, ATLÉTICO GOIANIENSE E ANÁPOLIS.
CENA 2 – FUNDADOR DA TORCIDA DRAGÕES ATLETICANOS (TDA), GUILHERME NUNES 0’23 AO 2’00	“TODA TORCIDA TEM SEU ESTATUTO, ALÉM DO ESTATUTO DOS TORCEDORES, E POR MEIO DA ANATORG BUSCAMOS MUDANÇAS”
CENA 3 – EX PRESIDENTE DA ANATORG (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DAS TORCIDAS ORGANIZADAS) 2:05’’ AO 2:53’’	“CANSAMOS DE VER ENGRAVATADOS QUE NÃO SÃO DO MOVIMENTO, FALANDO SOBRE TORCIDAS ORGANIZADAS, E DECIDIMOS NOS ORGANIZAR PARA CONSEGUIR MELHORIAS”
CENA 4 – INTRODUÇÃO AO ANÁPOLIS FUTEBOL CLUBE E SUA TORCIDA 2:54 AO 3:20’’	VÍDEO DA TORCIDA INDEPENDENTE TRICOLOR E SEU CLUBE: ANÁPOLIS FUTEBOL CLUBE
CENA 5– FUNDADOR DA TORCIDA DO ANÁPOLIS, JORNALISTA HUMBERTO CASTRO 3:21 AO 4:41 ‘’	“POR EU GOSTAR DA TORCIDA DO SÃO PAULO E ASSISTIR ELA NA ARQUIBANCADA, FALEI “VOU CRIAR UMA TORCIDA COM ESSE NOME INDEPENDENTE, E PELO UNIFORME DO ANÁPOLIS SER PARECIDO”
CENA 6- VÍDEO DA TORCIDA DO SÃO PAULO 4:43 AO 5:00’’	TORCIDA DO SÃO PAULO NO ESTÁDIO MORUMBI

CENA 7 – JORNALISTA HUMBERTO CASTRO RELATA SUA MUDANÇA DE ESTADO E DEIXANDO O COMANDO DA TORCIDA DO ANÁPOLIS 5:02 AO 6:26”	“FUI MORAR 3 ANOS NO PARÁ, A TORCIDA DO ANÁPOLIS MEIO QUE ACABOU, QUANDO VOLTEI, NÃO QUIS RESGATAR A TORCIDA, JÁ TINHAM RESGATADO A TORCIDA”
CENA 8 – TORCEDOR FERNANDO HENRIQUE FALA SOBRE AS TORCIDAS ORGANIZADAS 6:27 AO 7:03”	“ A TORCIDA ORGANIZADA É PARTE CRUCIAL DE UM JOGO DE FUTEBOL”
CENA 9 – FERNANDO RELATA SUA EXPERIÊNCIA COM SUA FAMÍLIA NO ESTÁDIO 7:04 AO 7:26”	“COMIGO OU COM MINHA FAMÍLIA NUNCA OCORREU NADA”
CENA 10- ENTREVISTA COM O GOLEIRO DA ANAPOLINA, TIAGO SOUSA 7:28 AO 7:56”	“QUANDO ESTAMOS EM CAMPO, REPRESENTAMOS O TORCEDOR QUE APOIA O TIME”
CENA 11 – VIOLÊNCIA NAS TORCIDAS 7:57 AO 8:00”	TRANSIÇÃO PARA O TEMA DA VIOLÊNCIA
CENA 12 – REPORTAGEM DA TV RECORD 8:03 AO 8:16”	CENAS DE BRIGAS ENVOLVENDO TORCIDAS ORGANIZADAS DO ESTADO DE GOIÁS
CENA 13- GOLEIRO TIAGO SOUSA FALA SOBRE AS VIOLÊNCIAS 8:17 AO 9:20	“ QUANDO PASSA DO PONTO, SINTO QUE PERCO MEU DIREITO DE IR E VIR”
CENA 14- ENTREVISTA COM O PSICÓLOGO BRUNO JORGE 9:20 AO 11:20 “	“O COMPORTAMENTO INDIVIDUAL PODE SER MUDADO QUANDO ESTÁ EM UM GRUPO MAIOR DE PESSOAS”

CENA 15- TEMA – INFLUÊNCIA DA MÍDIA 11:21 AO 11:25’’ CENA 16 – HUMBERTO CASTRO COMENTA SOBRE O TRATAMENTO DA MÍDIA 11:26 AO 12:21’’	“A MÍDIA NÃO MOSTRA AS AÇÕES SOCIAIS QUE AS TORCIDAS ORGANIZADAS PROMOVEM”
CENA 17- YOUTUBE DA SBT NEWS MOSTRA BRIGA DE TORCIDAS ENTRE GOIÁS E CORINTHIANS 12:22 AO 12:55’’	“NA MINHA OPINIÃO, A MÍDIA É IMPARCIAL, PORQUE ACONTECE MUITO MAIS NOTÍCIA RUIM DO QUE BOA”
CENA 18- TORCEDOR FERNANDO HENRIQUE FALA SOBRE A MÍDIA 12:57 AO 13:27’’	“O FAST CLUBE É TÃO IMPORTANTE QUANTO OS CLUBES DO RIO DE JANEIRO, ENTÃO PORQUE NÃO APARECEM NA MÍDIA”
CENA 19- HISTORIADOR PULO VÍNICIUS FALA SOBRE INVISIBILIDADE 13:28 AO 14:48’’	“A MÍDIA TEM UMA PARCELA NA DIMINUIÇÃO DA PAIXÃO DO TORCEDOR, POR MOSTRAR APENAS OS CLUBES MAIORES”
CENA 20- HUMBERTO TAMBÉM FALA SOBRE INVISIBILIDADE 14:49 AO 15:15’’	“REDUZIR AS TORCIDAS APENAS A VIOLÊNCIA É UMA VISÃO LIMITADA
CENA 21- PSICÓLOGO BRUNO FALA SOBRE PERTENCIMENTO 15:16 AO 17:05’’	“SÓ POSTA NOTÍCIA RUIM, PORQUE É O QUE VENDE E ACABA ATRAINDO ISSO PRA TORCIDA”
CENA 22- GUILHERME NUNES DÁ SUA OPINIÃO SOBRE A MÍDIA 16:56 AO 17:39’’	“SÓ POSTA NOTÍCIA RUIM, PORQUE É O QUE VENDE E ACABA ATRAINDO ISSO PRA TORCIDA”
CENA 23- TEMA PERTENCIMENTO 17:40 AO 17:44’’	“TODOS NÓS SOMOS PERTECENTES A UM GRUPO, SEJA DA ESCOLA ATÉ A IGREJA”
CENA 24- BRUNO JORGE EXPLICA A IMPORTÂNCIA DO SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO 18:00 AO 18:41’’	“TODOS NÓS SOMOS PERTECENTES A UM GRUPO, SEJA DA ESCOLA ATÉ A IGREJA”

CENA 25 – GUILHERME FALA SOBRE A UNIÃO DENTRO DA TORCIDA 18:43 AO 19:14’’	“ DENTRO DA TORCIDA É UM PELO OUTRO, SEM DIFERENÇAS”
CENA 26- ROMÁRIO POLICARPO, PRESIDENTE DA CÂMARA FALA SOBRE AS TORCIDAS NO PODCAST RB BOLEIRAGEM 19:20 AO 20:06’’	“AS TORCIDAS ORGANIZADAS SÃO AS QUE MENOS CAUSAM CONFUSÕES EM ESTÁDIOS, DEVIDO ÀS PUNIÇÕES”
CENA 27- LEI DO ESTATUTO E O RIGOR DAS PUNIÇÕES APARECEM NA TELA 20:07 AO 20:22 ’’’	“ A LEGISLAÇÃO SOBRE TORCIDAS ORGANIZADAS NO BRASIL ENVOLVE O ESTATUTO DO TORCEDOR (LEI Nº 10.671/2003)”
MAKING OFF 20:29 AO 21:58’’	



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DE GOIÁS**
**PRO-REITORIA DE DESENVOLVIMENTO
INSTITUCIONAL**
Av. Universitária, 1069 | Setor Universitário
Caixa Postal 86 | CEP 74605-010
Goiânia | Goiás | Brasil
Fone: (62) 3946.3081 ou 3089 | Fax: (62)
3946.3080
www.pucgoias.edu.br |

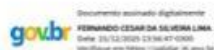
RESOLUÇÃO n° 038/2020 – CEPE

Termo de autorização de publicação de produção acadêmica

O(A) estudante Fernando César da Silveira Lima do Curso de Jornalismo, matrícula 20221012700325, telefone: 11 966034232 e-mail fernandosaopaulolima10@gmail.com, na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei n° 9.610/98 (Lei dos Direitos do autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a disponibilizar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **PAIXÃO ORGANIZADA: A VOZ DA ARQUIBANCADA**, gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme permissões do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato especificado (Texto (PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SND); Vídeo (MPEG, MWV, AVI, QT); outros, específicos da área; para fins de leitura e/ou impressão pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de graduação da PUC Goiás.

Goiânia, 15 de Dezembro de 2025.

Assinatura do(s) autor(es):



Nome completo do autor: Fernando César da Silveira Lima

Assinatura do professor-orientador:

Nome completo do professor-orientador: Bernadete Coelho de Sousa



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE DESENVOLVIMENTO
INSTITUCIONAL
Av. Universitária, 10691 Setor Universitário
Caixa Postal 861 CEP 74605-010
Goiânia 1 Goiás 1 Brasil
Fone: (62) 3946.3081 ou 3089 1 Fax: (62)
3946.3080
www.pucgoias.edu.br | prodin@pucgoias.edu.br

RESOLUÇÃO n°038/2020 – CEPE

Termo de autorização de publicação de produção acadêmica

O(A) estudante Gustavo Camargo dos Santos

do Curso de Jornalismo, matrícula 2022.1.0127.0019-8,
telefone: (62)9 8412-9133 e-mail gcamargosantos03@gmail.com, na
qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei n° 9.610/98 (Lei dos Direitos
do autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a disponibilizar o
Trabalho de Conclusão de Curso intitulado
PAIXÃO ORGANIZADA: A VOZ DA ARQUIBANCADA

gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme permissões
do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato especificado
(Texto (PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SND); Vídeo (MPEG,
MWV, AVI, QT); outros, específicos da área; para fins de leitura e/ou impressão pela internet, a
título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de graduação da PUC Goiás.

Goiânia, 15 de Dezembro de 2025.

Assinatura do(s) autor(es):  Documento assinado digitalmente
GUSTAVO CAMARGO DOS SANTOS
Data: 15/12/2025 14:12:21 -0500
Verifique em: https://validar.dig.gov.br

Nome completo do autor: Gustavo Camargo dos Santos

Assinatura do professor-orientador:

Nome completo do professor-orientador: Bernadete Coelho de Sousa